

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE PEDAGOGIA

ALINE ANTENOR DA SILVA

**O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CRICIÚMA, JULHO DE 2010

ALINE ANTENOR DA SILVA

**O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para
obtenção do grau de licenciado no curso de Pedagogia
da Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientador: Prof. M.Sc. Richarles Souza de Carvalho

CRICIÚMA, JULHO DE 2010

ALINE ANTENOR DA SILVA

**O PAPEL DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 07 de julho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Richarles Souza de Carvalho – Mestre (UNESC) - Orientador

Prof. Gladir da Silva Cabral – Doutor (UNESC)

Prof^ª. Samira Casagrande – Mestre (UNESC)

DEDICATÓRIA

Dedico a todos que amo, pela força, presença, pelo sorriso dando-me coragem e determinação para a realização deste sonho, e principalmente ao meu filho Rafael, minha luz inspiradora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me iluminou durante toda a caminhada. A toda minha família, em especial meu pai Antenor e minha mãe Nadir, por servirem de exemplo de determinação e a minha irmã Adriana que compartilhou deste sonho comigo, agradeço a força, as palavras de incentivo e a confiança.

Ao meu esposo Fábio por sua compreensão e carinho. Ao meu filho Rafael, pelo sorriso diário, aliviando os momentos difíceis.

Ao meu orientador, por sua dedicação.

A todos que de alguma forma contribuíram para que minha caminhada chegasse ao final de forma vitoriosa.

“É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.”

(ABRAMOVICH, 1993, p. 16).

RESUMO

Esta pesquisa apresenta e tem como foco de interesse a importância que a literatura infantil exerce na formação de leitor de professores das séries iniciais. Possui como objetivo principal analisar se a literatura infantil foi importante na formação dos professores e se estes a utilizam em sua prática educacional. Atualmente, as crianças formam sua leitura de mundo muito cedo, dependendo das condições que lhe são oferecidas. Cabe enfatizar o prazer que elas podem descobrir no mundo da leitura, se esta lhe for apresentada de maneira interessante e instigante. A literatura infantil, pode introduzir a criança no mundo da fantasia. Através da imaginação, ela pode construir significados válidos para a vida, e se a literatura infantil esteve presente na formação de leitor de um professor, cabe a este transmitir seu conhecimento a seus alunos. A presente pesquisa possui características descritivas, com abordagem qualitativa, pois se tratou de coletar dados referentes à existência da relação sujeito e realidade, buscando conhecer conceitos através do referencial teórico. Com leituras constantes, permeando atividades de campo, a elaboração do material escrito, análises e interpretações dos dados coletados. Teve como suporte teórico alguns autores como Abramovich, Azevedo, Cunha, Lajolo, Yunes, e Zilberman. Fundamentada nesses autores e em outros, a pesquisa confrontou dados de uma entrevista embasada em quinze perguntas, algumas abertas e outras fechadas com nove professoras, sendo divididas entre: três da rede pública municipal, três da rede pública estadual e três da rede particular. Observou-se que a literatura infantil realmente tem seu lugar assegurado na formação de leitor dos professores e que estes contribuem para a formação de novos leitores, proporcionando leituras literárias.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Leitura. Formação de leitores. Professor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	10
2.1 Breve histórico	10
2.2 O uso pedagógico da literatura infantil.....	11
2.3 Escola: um lugar para a formação de leitores?	13
2.4 Proposta Curricular de Santa Catarina e a Formação de leitores	16
3 O LUGAR DA LEITURA E DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAS	18
3.1 Professor: um ser leitor?	19
3.2 O professor não leitor: professor que não incomoda	20
3.3 Formação do professor leitor e a leitura literária	22
3.4 Memórias literárias: a literatura infantil na formação do professor-leitor	24
4 ANÁLISE DOS DADOS: O CANTEIRO DE OBRAS DA PESQUISA.....	26
5 CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma pesquisa realizada sobre a literatura infantil, enfocando o seguinte problema: A importância que a literatura infantil exerce na formação de leitor de professores das séries iniciais.

A escolha pelo tema ocorreu por acreditar que a literatura infantil pode contribuir muito para o desenvolvimento da criança. Por meio da fantasia e formar valores ligados à cidadania, ética e solidariedade, valores importantes na formação de leitores.

A literatura infantil pode servir como meio introdutório à leitura, pois através dela pode-se despertar o desejo pelos livros.

Se a literatura infantil está presente na formação do professor, este poderá construir o interesse de seus alunos em relação à leitura literária.

Neste sentido, o trabalho tem como objetivo geral investigar e analisar se a literatura infantil contribuiu para a formação de leitor dos professores das séries iniciais investigados, e se esses profissionais trabalham de forma positiva na formação de novos leitores, tendo suas experiências como base.

Foram elaboradas algumas questões norteadoras para melhor desenvolvimento do trabalho:

- A literatura infantil contribui para a formação de leitores?
- Qual a importância da literatura infantil na formação dos professores das séries iniciais?
- Um professor leitor forma um aluno leitor?
- Qual a relação entre leitura e literatura?

A pesquisa foi realizada com nove professoras, divididas da seguinte forma: três professoras de escolas públicas municipais, três professoras de escolas públicas estaduais e três professoras de escolas particulares do município de Içara.

As entrevistas foram feitas, tendo como base um questionário com quinze perguntas, algumas abertas e outras fechadas.

O trabalho está fundamentado em obras de vários autores, tais como Abramovich, Azevedo, Cunha, Lajolo, Yunes, e Zilberman. Também foram utilizados os documentos Proposta Curricular de Santa Catarina.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos. Neste primeiro, uma introdução. No

segundo, abordou-se a literatura infantil na formação do leitor. No terceiro, reflete-se sobre o lugar da leitura e da literatura infantil na formação dos professores das séries iniciais. No quarto capítulo são apresentadas as respostas obtidas com os questionários, bem como a análise dessas informações em confronto com as leituras teóricas feitas.

O quinto e último capítulo será o de conclusão.

2 A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Nesse capítulo será apresentado um resumo de algumas leituras acerca da literatura infantil, com base em determinados autores e em documentos oficiais, o uso pedagógico da literatura infantil na escola, e algumas discussões sobre formação de leitores.

2.1 Breve histórico

A partir do século XVII, sob um novo olhar para as crianças, a literatura infantil foi recebendo destaque na sociedade. As crianças eram vistas agora como seres peculiares e não seria adequado ficar lendo histórias destinadas aos adultos. Segundo Zilberman (1982, p.15) os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disto, não se escrevia para elas, porque não existia “infância”. As crianças foram sendo caracterizadas de acordo com sua idade. Destacou-se a preocupação com a educação, pois ainda de acordo com Zilberman (1982, p. 15), a valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Inventada a literatura infantil e reformadas as escolas, estas foram convocadas para cumprir tal missão.

Delimitar o significado da palavra literatura é uma tarefa árdua, pois, segundo Lajolo (1982), o mundo da literatura, como o da linguagem, é o mundo do possível. Podem-se obter vários significados. Segundo Lajolo (1982, p. 16), a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra nesse intercâmbio social.

Segundo Zilberman (1982), é da função que a literatura pode exercer junto à criança que advém sua justificativa e valor. Mas qual será a função? Pela literatura as crianças podem viajar em seu imaginário, fazer criações, conhecer outras pessoas e lugares, apreciando o mundo da ficção.

Dentre os muitos significados e características da literatura infantil, destaco seu caráter formativo. Os textos literários podem ser propulsores para a formação do indivíduo.

Pela linguagem literária é possível fazer a leitura do mundo real ou buscar significados no mundo ficcional e imaginário por meio dos personagens e suas histórias.

De acordo com Zilberman (1982), a literatura aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional, que aponta para vários conhecimentos, e não somente para o ensino de boas maneiras (de se comportar, de falar bem, etc.), se apresenta como elemento que poderá levar a escola a romper com o ensino tradicional. Por meio da literatura, sobretudo na escola, a criança pode se expressar e refletir sobre suas condições pessoais. Não trabalhar com literatura na escola pode fazer com que a criança cresça impotente e incapaz diante de muitas possibilidades de ser.

Faz-se necessário, portanto, saber se está sendo trabalhada nas escolas a literatura como meio de aprendizagem, em seu sentido formativo, para formar novos leitores, destacando que os professores possuem um papel de importante na formação de leitores. No entanto, para que eles sejam incentivadores da leitura, é necessário que possuam também o hábito de ler.

2.2 O uso pedagógico da literatura infantil

De acordo com Zilberman e Silva (1990, p. 12), a função da literatura, assim que surgiu, era de propiciar momentos de prazer para a nobreza. Era conhecida como poesia e nos poemas a história daquela sociedade era relatada, assim como também esclarecia as normas sociais. Sendo assim, havia uma estreita relação com a educação.

Com o avanço intelectual, a literatura sofreu várias modificações, porém, uma se manteve: “a de que o texto poético favorece a formação do indivíduo cabendo, pois expô-lo à matéria-prima literária, requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual e ético” (ZILBERMAN, SILVA, 1990, p. 13).

Para muitos, a função pedagógica da literatura é contribuir para que a criança aprenda a decifrar o código escrito. Dessa forma, a literatura infantil é vista como um dos meios para alfabetizar uma criança em seus primeiros anos escolares.

No entanto, para Zilberman (1982, p. 23), “a obra de arte literária não se reduz a um determinado conteúdo reificado, mas depende da assimilação individual da realidade que recria”. Utilizar a literatura infantil somente com a finalidade de alfabetizar a criança pode

limitar sua visão de mundo ficcional e faz com que ela não aprecie a essência da literatura infantil. Zilberman (1982, p. 24) acrescenta que “cabe ao professor o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais”.

Muitas obras da literatura infantil são entendidas como ‘pedagogizantes’ e, por isso, são abolidas do ambiente escolar. Segundo Silveira (2008, p. 34), “o fato de muitas obras, em meio à diversidade existente, possuírem um caráter didático não significa que não possamos encontrar qualidade literária e negar a contribuição do gênero para a formação humana”.

Para Souza e Santos (2004, p. 81) “precisamos discutir o papel da escola que se constitui em ambiente privilegiado para a formação do leitor”. Ou seja, a instituição escolar, além de trabalhar com o desenvolvimento da linguagem escrita e oral, entre outras, deve formar leitores.

Como poderíamos definir exatamente um leitor? Muitos podem dizer que leitores são aqueles que conseguem decifrar os símbolos escritos. Outros, que além de decifrar os códigos escritos, absorvem seus significados para sua vida. Conforme Azevedo (2004, p. 38):

leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprios, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento.

Já sabemos que a leitura é uma prática social que envolve atitudes com as quais o leitor pode adquirir mais conhecimentos; por exemplo, a leitura de um jornal, de um livro ou revista, entre outros. Para algumas pessoas o hábito da leitura é desenvolvido em casa, não sendo necessário esperar o ingresso na escola para ter acesso ao prazer da leitura.

Muitas famílias utilizam os livros para propiciar momentos de prazer a seus membros, desde histórias contadas na hora de dormir ou até mesmo em reunião de amigos para juntos apreciarem o mundo da leitura. Faria (2004, p. 50) descreve em um de seus artigos sobre memórias de leitura, a importância que as leituras ouvidas ou contadas no seio familiar tiveram para sua formação de leitora:

Tive a felicidade de conviver, ainda na primeira infância, com um grande formador de leitores e de crescer em uma comunidade de leitores, na qual, cotidianamente, compartilhava leituras com outros aprendizes de diferentes idades. As interações que se deram nesse espaço de partilha de significados são marcas indeléveis de minha formação, que carrego como a mais preciosa herança que me foi legada.

O grande formador de leitor que Faria destaca é seu pai. Antes de ingressar na escola, já lhe era compartilhado o prazer pela leitura. Não é necessário saber ler para desenvolver o hábito pela leitura. Primeiramente, aprende-se a ouvir e depois o interesse pelo ato de ler vai surgindo com o tempo.

A criança possui um vasto potencial no quesito imaginação e curiosidade. Inserir a leitura aos poucos em seu cotidiano fará com que, cada vez mais, adquira o hábito de ler, favorecendo sua formação como leitor.

Os comentários feitos até agora se referem a uma minoria de crianças que têm o privilégio de serem inseridas no mundo da leitura em suas próprias casas. Entretanto, sabemos que a grande maioria entra em contato com a leitura apenas ao ingressarem no ambiente escolar.

2.3 Escola: um lugar para a formação de leitores?

A vida escolar pode ser um momento crucial para a formação leitora de uma criança, pois, dependendo da forma como a leitura e a literatura são apresentadas, pode-se afastar definitivamente o aspirante a leitor. Azevedo (2004, p. 39) esclarece que, se uma criança supõe que todos os livros apresentados a ela no fundo sejam didáticos, e que a partir deles, ela terá de aprender uma lição e que todas as outras crianças deverão chegar a mesma compreensão, isso pode fazer com que essa atividade torne-se cansativa e repetitiva.

Muitos livros são escolhidos pelo professor, deixando os alunos sem opções de escolha. Abramovich (1997, p. 140) faz indagações pertinentes:

Como uma única história pode interessar a toda uma classe? Como imaginar que haja uma identificação geral – de meninos e meninas – todinhos preocupados com o mesmo problema? E todos interessados num determinado gênero literário, previsto como fonte única de prazer para aquele mês do ano?

Cada criança vive uma realidade, possui uma história e vive em uma cultura. É necessário respeitar as peculiaridades de cada criança, um livro que agrada a uma não necessariamente irá agradar a todos. Segundo Abramovich (1997, p. 140), a obrigatoriedade da leitura, de um prazo para ler, com datas previamente marcadas, pode desestimular a criança no processo de leitura, pois não se torna algo prazeroso. Sua vontade, seu ritmo, o desejo da

criança leitora, não são levadas em consideração.

Em muitas escolas há um espaço reservado para a introdução à leitura (biblioteca, “cantinho da leitura”, etc.). Nesses espaços são utilizados alguns materiais básicos, previamente selecionados pelos profissionais encarregados, como os livros didáticos, os paradidáticos e os livros de literatura infantil.

Mesmo sofrendo críticas, os livros didáticos são os mais utilizados nas escolas, talvez por falta de outras opções ou escolha do professor. O livro didático geralmente combina textos de ficção com textos informativos, ou seja, insere personagens ficcionais em textos com o objeto de apenas informação.

Os livros paradidáticos não são utilizados com tanta frequência, pois alguns afastam a experiência estética, a fantasia, predefinindo o texto informativo ou científico e afastando as crianças da literatura. No entanto, é imprescindível ressaltar que a prática do professor é um fator muito importante, pois, dependendo da sua metodologia, ele poderá proporcionar experiências estéticas para seus alunos.

A experiência estética pode ser encontrada nos livros de literatura infantil. Souza e Santos (2004, p. 81) relatam que “o livro estético (poesia ou ficção) proporciona ao pequeno leitor a oportunidade de vivenciar a história e as emoções, colocando-se em ação por meio da imaginação, permitindo-lhe uma visão mais crítica do mundo”.

A ficção encontrada nos livros literários abre um leque de significados que exercitam a imaginação e facilitam o entendimento ou composição de outros mundos. A postura reflexiva e crítica de uma criança-leitora está entrelaçada com obras de caráter ficcional (literatura infantil). Ou seja, a partir da leitura literária, a criança pode construir uma prática de reflexão e criticidade daquilo que lê.

Azevedo (2004 p. 39) destaca a importância da literatura nesse primeiro contato da criança com a leitura, pois “para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação”. Como já foi afirmado anteriormente, pela literatura a criança viaja pelo mundo da ficcionalidade, ou seja, deixa de ver o mundo somente pelo lado objetivo, pela lógica. É nesse momento que provavelmente será construído o prazer pela leitura da literatura, pois a criança não tem obrigatoriedades em sua fruição. Obviamente, se a prática pedagógica com textos literários não for adequada e não emancipatória, a possibilidade de múltiplas interpretações fica comprometida.

É necessário incentivar o hábito da leitura, pois essa atividade fortalece a liberdade de construção de experiências e conhecimentos. Os textos literários fazem reflexões sobre o mundo e a vida. Ainda segundo Azevedo (2004, p. 40):

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis.

A leitura torna a criança um ser crítico, a partir de uma história ela pode começar a questionar, pensar, duvidar, opinar, etc. É fundamental que ocorra uma conversa com os pequenos leitores após uma leitura, assim eles poderão expor seus pensamentos sobre o texto lido. Discutir a história, relacionar com o seu cotidiano, ver se o ritmo do texto ofereceu subsídios para apreciar a história, se não foi muito rápido, analisar o início e o fim, se foi uma sequência ou se houve surpresas e, por fim, se as personagens corresponderam às expectativas.

Uma questão é incansavelmente pensada e repensada por muitos: a escola forma ou não forma leitores? Existem metodologias que favorecem a formação da criança leitora – como a literatura. No entanto, sabemos que a escola pratica outras formas de inserir a criança no mundo da leitura, e que não são nada promissoras.

Um das maneiras que podemos citar, segundo Souza e Santos (2004, p. 82), é a leitura pressuposta, quando o professor já pressupõe ao aluno a compreensão do texto pelo aluno, “texto lido – texto entendido”. Não permite ao aluno compreender a leitura, obter o significado real do texto. A leitura instrumental é feita de forma mecânica, não leva em consideração o conteúdo do texto, mas a forma como é feita a leitura, a entonação da voz e as pontuações. Há uma relação sempre presente com a forma didática de aprender a ler corretamente, seguindo as normas gramaticais. As autoras destacam a leitura seguida de trabalho de aprofundamento de texto baseada na concepção de aprendizagem como um sistema monológico, ou seja, após a leitura oral, segue sempre a explicação do professor, não permitindo que o aluno exponha suas ideias.

Essas formas de ler praticadas na escola não podem ser consideradas atividades que enriqueçam o repertório dos alunos. São simplesmente atividades vazias de significado. A aquisição da leitura fica sem valor, quando não acrescenta nada de importante à nossa vida.

A leitura de obras variadas é muito importante para a formação do leitor, assim como podemos destacar também que distribuir livros seguindo uma faixa etária não é uma

forma de incentivar a leitura. Uma criança de sete anos não é obrigada a ler livros somente para essa idade, ela pode se interessar por livros destinados a outras faixas etárias, o que é muito comum, pois a imaginação não tem uma correlação direta com determinada idade.

Da mesma forma, o contrário pode ocorrer, uma criança com idade superior pode se interessar por um livro destinado a crianças menores. Até mesmo adultos podem gostar de textos escritos para crianças. Tudo dependerá da realidade que está sendo vivida naquele momento.

Segundo Azevedo (2004, p. 46):

vai ser difícil formar leitores insistindo em idealizações a respeito da leitura, aceitando passivamente a divisão indiscriminada de pessoas em abstratas faixas etárias, ignorando a existência de diferentes tipos de livros e textos e, ainda sem levar em consideração certas características e especificidades da literatura, entre elas, seu compromisso profundo e essencial com a existência humana.

A escola pode propiciar a integração da criança com a leitura, utilizando a leitura literária, como já foi explanado. No entanto, é necessário repensar os métodos utilizados, para não continuar afastando muitas crianças do prazer da leitura. O leitor deve ser conquistado, deve sentir prazer no texto que lê, ficar interessado em fazer novas leituras, em procurar livros daquele mesmo autor, ou ao contrário, criticar o autor, fazer analogias, procurar outros tipos de textos, a criança poderá se tornar auto-suficiente para fazer suas escolhas.

2.4 Proposta Curricular de Santa Catarina e a Formação de leitores

Para a Proposta Curricular de Santa Catarina de 1998, o ser humano é entendido como social e histórico. Todas as pessoas possuem uma história, uma cultura, e isso são fatores determinantes para sua vida social. Relacionando com a leitura, dependendo da forma como é trabalhada com o aluno, ela será mais ou menos usada na sua vida social, levando em conta seu processo histórico-cultural.

Segundo Proposta Curricular (1998), os textos aparecem como o centro de interação entre o locutor X interlocutor ou autor X leitor. Na verdade, o sentido do texto não está especificado nele mesmo e sim na relação que ocorre entre os três: autor, leitor e texto. O texto não é um objeto acabado. Portanto, de acordo com a Proposta Curricular (1998, p. 81),

“a leitura não resulta apenas da aplicação de técnicas (decodificação), mas de um confronto interlocutivo, em que três elementos interagem: o texto, o locutor e o interlocutor”.

Para determinar se um texto é fácil ou difícil, interessante ou cansativo, é necessário compreender a relação existente entre os leitores. Ao escrever um texto, o autor escreve para alguém ler, esse alguém é um leitor imaginário (aquele que compreenderá o texto da forma correta e entenderá a mensagem do autor sem questionar) o leitor ideal. Contudo sabemos que existe o leitor real – aquele que irá ler e nem sempre concordará com o autor. O leitor imaginário ou leitor virtual, como denominada na Proposta Curricular de Santa Catarina, pode existir ou não. Isso vai depender da interação desses leitores ao lerem um texto.

No processo de leitura, é necessário destacar a importância dos textos para aqueles que poderíamos chamar de aprendizes de leitores. Não estou me referindo a textos mais fáceis ou menores, apenas a conteúdos voltados à realidade das crianças. Ficaria evidentemente difícil para uma criança que está descobrindo os prazeres da leitura pegar um texto científico para ler. Provavelmente, até conseguirá decodificar o que está escrito, porém sua compreensão será difícil. Por outro lado, não é necessário ficar trabalhando com textos simples, simplificando as palavras, sem desafiar os alunos. De acordo com a Proposta Curricular, (1998, p. 81):

Se o discurso pedagógico se caracterizar como autoritário e nada fizer para ser diferente, a tendência será não efetuar a transformação do aluno, ou melhor, não agirá sobre sua história de leitura. O livro didático, procurando aproximar-se do nível do aluno, descaracterizando ou simplificando textos, não é, nesse sentido, um instrumento válido para desenvolver as potencialidades.

Faz-se necessário que o aluno não se dedique somente à leitura do livro didático, pois de acordo com Azevedo (2004, p. 46) os livros didáticos são úteis, porém não formam leitores, eles transmitem as informações que cabem aos alunos absorverem apenas. Se não ocorre o desenvolvimento da leitura é porque o aluno não está sendo desafiado ou não está encontrando condições necessárias para isso dentro do ambiente escolar, o qual deveria ser um dos lugares mais propícios para o aprendizado da leitura. Se a escola não se importar com o processo de compreensão da leitura fará com que os alunos nunca ultrapassem a fase de decodificação da escrita.

Uma das maneiras de incorporar a leitura no cotidiano escolar e fazer sua compreensão, como já vimos, é a através da literatura infantil. Para a Proposta Curricular (1998, p. 42) “a compreensão do objetivo da literatura na escola passa pelo entendimento de

que sua razão de ser no currículo, deve-se, fundamentalmente à formação de leitores”, e que esses leitores encontrem na literatura, oportunidades de lazer e prazer, que reconheçam os valores que as palavras expressam.

Não se pode mais trabalhar a literatura como se trabalhava tempos atrás, quando o importante era simplesmente que os alunos decodificassem os textos. O importante é fazer com que o aluno seja um leitor criador, questionador e crítico:

Trabalhar para formar leitores, significa então, trabalhar pela conquista de consciência do leitor enquanto sujeito crítico, capaz de relativizar verdades e de dialogar com os textos, à medida que suas verdades se fundem com as verdades que emergem do trabalho de um autor com as palavras. Enfim, é dar condições ao leitor de perceber que se, não existem escrituras inocentes, não há como fazer leituras ingênuas. (SANTA CATARINA, 1998, p. 43).

O leitor deve entender que toda obra possui uma ideologia que justifica sua existência, seja por sua proposta estética ou histórica, então a partir dessa compreensão ele mesmo poderá fazer suas conclusões.

Se já sabemos que a literatura é uma obra de produção humana que vem sendo construída ao longo do tempo, é importante que nos questionemos quanto ao seu uso nas escolas. É necessário criar entre os alunos e as obras literárias uma intimidade, provocar a curiosidade pelos livros e o interesse pelas descobertas.

No entanto, sabemos também que para formar um bom leitor, é necessário que este receba incentivo para a prática da leitura. No ambiente escolar, esse incentivo deve partir do professor. Contudo, será que os professores também são leitores?

3 O LUGAR DA LEITURA E DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAS

A leitura tem seu lugar assegurado na educação, pois é uma forma de comunicação social. No entanto, pode ser compreendida apenas por essa característica, sendo esquecidos todos os outros objetivos que podem ser trabalhados e alcançados com a leitura.

A literatura infantil, muitas vezes, sofre uma interpretação simplista, quando é vista apenas como livros voltados para crianças. Objetivos primordiais como a construção de fantasias, da imaginação e a fruição estética são renegados. De acordo com Azevedo (2004, p.

40), “através da ficção, penetramos no patamar da subjetividade (a visão de mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia.”

Neste capítulo, faremos uma reflexão relacionando a prática da leitura e da literatura infantil na formação dos professores.

3.1 Professor: um ser leitor?

Para a prática pedagógica de um professor, a leitura tem um papel relevante, pois além da comunicação social, através dela é possível alcançar o objetivo fundamental do professor esperado pela sociedade: construir conhecimentos nos alunos. Para esse profissional, a leitura deveria ser um elemento primordial de sua prática e jamais poderia ser esquecida.

Através da leitura é possível visualizar novos horizontes, tanto pessoais quanto culturais e profissionais. A leitura pode desempenhar vários papéis sociais, como leitura por prazer, para apropriação de conhecimentos científicos, para fins religiosos, entre outros. É a condição básica para a formação do sujeito cidadão.

Segundo Santos (2005, p. 5) fica evidente que:

A leitura para o professor é um instrumento básico de aperfeiçoamento de sua práxis, no atual contexto educacional, em que a transmissão e imposição de certezas e verdades pré-definidas e ultrapassadas, veiculadas pelos livros didáticos, estão sendo substituídas pela descoberta, crítica e transformação dessas verdades, presentes na realidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Não é mais possível trabalhar somente com livros didáticos que, em sua grande maioria, não relatam a realidade das crianças e fazem com que seu conhecimento fique restrito somente àqueles conteúdos.

Os alunos contemporâneos não são iguais aos alunos do passado, quando havia uma aceitação maior dos conteúdos que os professores transmitiam, tidos como verdades absolutas. Atualmente, os alunos expressam suas necessidades e expectativas, e nem sempre aceitam respostas prontas. Em consequência disso, fica a cargo dos professores elaborarem um novo fazer pedagógico, que oportunize aos alunos suprir suas necessidades. Oferecer aos

alunos ferramentas para que eles consigam resolver problemas, enfrentar situações e transitar com autonomia na sociedade.

De acordo com Santos (2005, p. 5), “a leitura é um grande auxiliador no sentido de instrumentalizar o professor para que ele lance um olhar crítico-reflexivo sobre sua prática escolar pedagógica”, possibilitando, assim, aumentar os limites das informações aos alunos, desenvolvendo uma aprendizagem significativa relacionando com a realidade e a prática do dia-a-dia. Se o professor faz leituras regulares, ele terá subsídios necessários para elaborar questões instigantes e curiosas para os alunos, pois a habilidade de interpretação em si é constantemente desenvolvida e seu conhecimento de mundo fica ampliado.

Para não se tornar um professor obsoleto, é necessário que os profissionais da educação assumam que não basta simplesmente chegar à sala de aula e mandar os alunos lerem livros. O desafio maior é para os próprios professores se tornarem leitores, adquirindo uma postura “preocupada com uma fundamentação teórica/científica capaz de compreender e superar o senso comum com autonomia suficiente para a elaboração da sua própria narrativa da realidade com qualidade e competência discursiva” (SANTOS, 2005, p. 5).

Somente através da leitura o professor poderá mediar os questionamentos e pensamentos reflexivos dos alunos. Se o professor tem em sua prática a leitura, ele servirá como modelo aos alunos, despertando assim o desejo e a curiosidade dos mesmos, tornando-os seres críticos.

Pode-se afirmar então que, se existe um professor-leitor, este formará um aluno-leitor. Santos (2005, p. 5) acrescenta que “o sujeito que lê, sabe, planeja, direciona e faz a sua evolução, enquanto aquele que não lê somente opta pela trajetória que os outros escreveram”.

No sistema educacional, uma das condições básicas para formar um cidadão pronto para viver em sociedade é trabalhar para que ele evolua e crie sua própria trajetória, e não viva sempre na sombra de outras pessoas. Logo, se percebe mais uma vez a importância que a leitura tem no desenvolvimento de uma criança.

3.2 O professor não leitor: professor que não incomoda

O professor que não tem o hábito da leitura, pode-se dizer que também não incomoda. Se não lê, não fica sabendo da realidade do sistema educacional brasileiro (o qual enfrenta vários problemas), das condições de sobrevivência que muitas crianças enfrentam,

etc. Se não sabe, não fará nada para melhorar, não incomodará ninguém com questionamentos e busca de soluções.

Segundo Rese (2005, p. 4), “ caso o professor não leia, não saberá que o brasileiro não lê porque não tem acesso ao livro. Se o professor não lê, não saberá que é a biblioteca pública que desempenha papel fundamental no acesso aos livros”. Se o professor não tem o hábito da leitura fica sem ter o conhecimento da realidade, vive em um mundo onde basta o conhecimento que os livros didáticos trazem para as aulas, com conteúdos prontos, onde muitas vezes não há o que questionar. Fica sem subsídios para a elaboração de uma aula diferente, não cumpre seu papel de forma global, não exige da escola onde trabalha que a biblioteca funcione em horário integral, e utiliza a leitura de forma errada com os alunos.

Como aponta Cunha (2002, p. 51):

A idéia de que a leitura vai fazer bem a criança e ao jovem, leva-nos a obrigá-los, como lhe impomos a colher remédios, a injeção, a escova de dente, a escola. Assim é comum sentir-se coagidos tendo que ler uma obra que não lhe diz nada e tendo de submeter-se a uma avaliação. É a tortura sutil e sem marcas, observáveis a olho nu, de que não nos damos conta.

Muitos professores utilizam a leitura como forma de castigar os alunos, fazem que os mesmos leiam livros por uma obrigação, desenvolvendo assim o medo da leitura. Um professor que não lê não possui conhecimento necessário para a elaboração de seus próprios materiais, aceita tudo pronto.

De acordo com Rese (2005, p. 4):

Muitas de nossas falas são marcas de um ideário liberal e burguês, e nós, professores, não-leitores, por não lermos, acreditamos que estamos fazendo uma análise adequada quando dizemos que nosso aluno não lê porque não quer, porque não gosta.

Ninguém nasce lendo ou mesmo admirando os livros e suas histórias. Esse hábito é desenvolvido ao longo da vida, às vezes na própria casa e outras na escola. Entretanto, se muitos professores não desenvolveram o hábito pela leitura, os alunos também não desenvolverão, pois não terão estímulo suficiente para isso.

Alguns educadores aceitam a ideia de que o aluno não quer ler porque simplesmente não gosta ou não tem paciência. Talvez alguns até aceitem essas suposições, porque em sua formação como leitores viveram a mesma experiência. Cabem aqui várias indagações: Como foi a vida escolar de muitos professores que hoje atuam nas escolas? Por

que não se interessam em adquirir novos conhecimentos por meio das leituras? Por que muitos, ao invés de estimularem o desejo pela leitura, afastam os alunos dessa atividade?

Certamente, se hoje em dia o processo de leitura está tão empobrecido no cotidiano escolar, muito se deve à irresponsabilidade de professores que não são leitores, que deixam esse vazio no ambiente escolar e na vida de muitas crianças.

É necessário que todos aprendam a ler, mas ler além do que está programado nos currículos. No ato de ler o desconhecido é construído e o conhecido é desconstruído.

Neste sentido, Yunes diz que (1988, p. 55):

Carecemos de um ambiente favorável à leitura que permitiria o nascimento de uma sociedade consciente das vantagens de ler, já que nos submetemos diariamente à avalanche dos meios de eletrônicos de comunicação, que tendem a oferecer-nos uma leitura acabada do mundo.

O hábito da leitura nasce do desejo, e esse é alcançado com muito esforço. Talvez alguns professores até tenham o desejo de ler, mas como isso não foi trabalhado em sua formação, não se sentem motivados e hoje, por já estarem atuando em sua área, não se esforçam e preferem aceitar tudo como está. Pode ser essa uma das respostas de uma frase que há muito tempo escutamos: “O povo brasileiro não gosta de ler”.

3.3 Formação do professor leitor e a leitura literária

No Brasil, muitos professores se formam de maneira ‘aligeirada’, ou seja, cursam faculdades com curta duração, não participam de cursos de capacitação ou mesmo iniciam seu trabalho na área sem um prévio conhecimento. Logo, o que podemos ver como resultado dessas combinações é uma educação cada vez mais precária, principalmente no que diz respeito à leitura e à literatura.

Sabemos que os professores são pessoas normais como qualquer outro profissional, um ser com sentimentos, emoções e que precisa trabalhar para poder viver.

As diferentes etapas da vida do professor – sua infância, a vida escolar, curso fundamental e médio, a graduação – são de suma importância para o desenvolvimento de sua personalidade e de seu lado profissional. Pode-se destacar a questão da leitura durante seu

processo de desenvolvimento. Se o professor, durante sua infância e vida escolar, teve contato com histórias infantis ou qualquer outro tipo de leitura, é provável que tenha desenvolvido o hábito da leitura e que isso se faça presente em sua prática escolar. Contudo, se a história for contrária e ele não teve contato com a leitura, será difícil trazê-la para suas aulas.

Se o professor não possui uma estrutura significativa da leitura em sua vida e não reconhece sua importância, fica impossível fazer com que os alunos percebam que a leitura vai muito além do que decifrar alguns símbolos escritos. Ao escolher a profissão de educador, faz-se necessário que a pessoa esteja ciente que ela servirá de exemplo para muitas pessoas.

Não quero dizer que o professor tenha de ser, a todo o momento, um ser dotado de verdades e razões; contudo, que tenha consciência de se esforçar ao máximo para formar pessoas que saibam viver em sociedade e sejam críticas, com autonomia suficiente para resolver os problemas. Para Silva (2004, p. 168):

Nunca é demais lembrar que a docência não é um dom, mas um ofício construído através de um processo formativo que envolve um percurso pessoal e profissional de vida. Um percurso que é dinâmico contínuo e progressivo. O compromisso fundamental do professor é com a organização-transmissão do saber e com a formação do ser humano naquilo que lhe cabe através de currículo escolar.

Se há uma deficiência quanto à formação de leitor por parte de alguns professores, isso não é fatídico e cabal. Tal deficiência deverá ser suprida com formação continuada complementar e uma constante busca no aperfeiçoamento intelectual próprio.

Para ter a docência sempre fortalecida como profissão, a leitura deveria estar constantemente relacionada. Por ter de estar sempre se atualizando, por dever ou expectativa social, a leitura é identificada como um instrumento de trabalho, pois amplia o conhecimento e constrói mais experiências. Os gêneros textuais com os quais um professor deve ter contato ao longo de sua profissão devem ser variados e desafiadores. E como lemos acima, a docência não é um dom, e sim, um ofício a ser desenvolvido e construído, por meio da formação durante a vida, o que exige muita determinação das pessoas que escolhem esta profissão.

Muitos, para explicar sua falta de vontade em se aperfeiçoar, se escondem atrás de desculpas que envolvem questões sociais como o baixo salário, falta de condições de trabalho ou materiais didáticos. Sabemos, sim, que a realidade da educação em alguns locais ainda é precária, contudo é necessário esforço do profissional para trabalhar em sala de aula e enfrentar seus problemas.

3.4 Memórias literárias: a literatura infantil na formação do professor-leitor

Destaco a importância da literatura infantil no processo de formação dos professores das séries iniciais, utilizando as palavras de Cunha (2002, p. 57):

A literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico. Permite ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana [...]. A literatura é o lugar privilegiado que a experiência “vivida” e a contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a “verdade” e sim a “validade” de uma interpretação profunda da realidade tornada em experiência.

Como já vimos anteriormente, através da literatura infantil conseguimos ampliar nosso conhecimento e adquirir novas experiências através da ludicidade e da ficção, que são aprofundadas nas leituras literárias. Sendo assim, levanto a seguinte questão: como a literatura infantil se destaca na formação dos professores?

Se analisarmos que a maior parte das crianças atualmente não possui o hábito da leitura, poderíamos concluir que os professores também não possuem, e que esse hábito, não for desenvolvido durante sua formação. Todavia, não nos cabe a tarefa de culpar e, sim, de refletir sobre os cursos de formação dos professores, e se estes oferecem subsídios necessários para que os professores se tornem leitores ou não.

A implementação dos currículos organizados para os cursos de formação não podem prescindir do planejamento de situações que favoreçam a formação de professores leitores e não de simples reprodutores/as de idéias e conteúdos, que, ao invés de aproximar os indivíduos da leitura, dela os distanciam, interditando a possibilidade de acesso a diferentes e novos conhecimentos. (SILVA, 2004, p. 169)

O texto literário é uma forma de conhecimento trabalhado por poucos. Esse conhecimento se caracteriza por meio de confrontações entre o mundo real e o mundo imaginário, possibilitando o desenvolvimento cognitivo e trabalhando também a autonomia em pensar em outros mundos e em outras formas de ver as coisas do mundo real.

Existem alguns equívocos no trabalho com literatura. Eles estão ligados ao ensino orientador das normas sociais, do que é certo ou errado, afastando, assim, a liberdade irrestrita na leitura literária. As separações existentes entre os textos contidos em livros didáticos sobre conduta social sempre acompanharam o ensino da literatura, daí se obtêm os conflitos entre os sistemas escolares e a leitura literária.

São nos textos literários que as pessoas encontram o prazer da leitura, pois não são encontrados neles intervenções escolares destinadas a mediar determinados assuntos.

Pode-se dizer que não se ensina a literatura, mas muito se aprende com ela. À medida que se aprende, é possível passar para outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós. Essa operação equivale a outro aprendizado que é o de compartilhar modos de compreender a vida, o mundo, a existência, a identidade, a relação com o outro, não percebidos ainda.

Se o professor tem contato com a literatura em sua formação, todo o aprendizado adquirido por meio das histórias, dos poemas e de tudo o que envolve literatura, estará presente na sua prática docente. Isso poderá facilitar o convívio tão conturbado entre a literatura e a escola, visando à formação de leitor dos alunos, e permitirá que através das leituras literárias os alunos possam desenvolver outras competências propostas pela escola.

Tendo como base principal a memória literária, podemos sugerir que durante a infância é que deveríamos obter os primeiros contatos com a literatura infantil. Muitos fatos que são lembrados na adolescência ou idade adulta são resgatados do período infantil. A criança possui uma incomensurável capacidade de fantasiar, o que proporcionaria, através do mundo de faz-de-conta, vivenciar outras formas de ser e de estar no mundo, através do brincar. Segundo Faria (2004, p. 55), “o sentido e o significado dessas tarefas ligam-se primordialmente ao prazer que delas podemos usufruir e às inúmeras possibilidades que nos oferecem. É por esta razão que bons leitores continuam lendo durante toda a vida”.

Ou seja, se um professor traz consigo boas lembranças da sua infância relacionadas com a literatura, é porque ela foi trabalhada de maneira adequada. Isto provavelmente fará com que ele desenvolva um bom trabalho em sua vida profissional, pois já possui a experiência literária.

4 ANÁLISE DOS DADOS: O CANTEIRO DE OBRAS DA PESQUISA

A pesquisa foi constituída com base na abordagem qualitativa, pois tratou de dados referentes à existência da relação sujeito e realidade, buscando conhecer conceitos através do referencial teórico e relacionados com as entrevistas, analisando-as de acordo com as teorias.

Foi utilizado um gravador tipo MP3 para a gravação das respostas das quinze perguntas do questionário previamente elaborado. Das perguntas do questionário, algumas eram fechadas e outras abertas (para que eu pudesse aprofundar um pouco mais as respostas). Dessa forma foi coletado o material necessário para analisar e confrontar com as leituras feitas.

Dentre as entrevistadas estavam nove professoras das séries iniciais, sendo três de ensino público municipal, três de ensino público estadual e três de ensino particular. As entrevistas não ocorreram dentro das unidades escolares, e sim em momentos particulares com cada professora.

Serão utilizados símbolos para caracterizar as professoras entrevistadas: M1, M2, M3 - professoras das escolas municipais; E1, E2, E3 - professoras das escolas estaduais; e P1, P2, P3 - professoras das escolas particulares. As entrevistadas lecionam no município de Içara - SC e todas possuem especialização e atuam como docentes há mais de três anos.

O eixo norteador desse questionário foi a pergunta: Qual a importância que a literatura infantil exerceu na formação de leitor das professoras das séries iniciais entrevistadas? Tal questionamento está diretamente conectado ao problema central dessa pesquisa.

Sendo assim, a seguir são apresentadas as análises das respostas das nove professoras entrevistadas.

Pergunta 1: Atualmente você costuma comprar livros para ler?

A resposta foi unânime, todas disseram que sim. Ressaltaram ainda que quanto mais leitura, mais conhecimento adquirido, enfatizando que ser professor é estar em constante crescimento, sempre em busca de novas experiências.

Pergunta 2: Quantos livros você lê por ano?

Somente quatro professoras M1, M3, E1 e E3 responderam que leem em média de dois a três livros. A professora P1 relatou que lê em média seis ou sete “sempre há um livro me acompanhando”. Já as M2, E2, E3, P2 e P3 não recordam de quantos leem, mas dizem que não são muitos.

Pergunta 3: Você costuma atualizar-se sobre as novas publicações de livros?

A resposta foi mais uma vez positiva e unânime, todas responderam que se atualizam sobre as novas publicações de livros, porém, algumas responderam que nem sempre fazem sua leitura, ficam sabendo sobre o que foi lançado.

Conforme descrito na fundamentação teórica, o processo da leitura é abrangente e envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. É através do ato da leitura que o professor adquire e amplia conhecimentos, o que a transforma em uma ferramenta de trabalho.

No segundo bloco da entrevista, parti para o foco principal de minha pesquisa: saber se a literatura infantil foi importante para o processo de formação de leitor desses profissionais.

Pergunta 4: Quais livros de literatura infantil lembra-se de ter lido quando criança?

Em geral eram clássicos da literatura infantil e algumas respostas foram praticamente iguais: *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*. Destaco a resposta da professora P1, a qual diz o seguinte:

Lembro que não havia tantos livrinhos de literatura como hoje, mas nos adorávamos ler os textos dos livros didáticos que havia na biblioteca, como o *Barquinho de Papel*, *Dorotéia*, *a Centopéia*, *Felicidade não tem cor*, *O Menino Azul e a Vitória Régia*.

Também enfatizo a resposta da professora E2, que diz: “Lia livros de histórias bíblicas, literatura clássica, lendas como *Índia Potira*, os meus pais liam para mim desde muito cedo. Depois eu mesma lia os livros”.

É importante ressaltar novamente, em concordância com o que foi afirmado na fundamentação teórica, que desde a infância é importante manter contato com a leitura. A fala da professora P1 destaca que nem sempre existiram tantos livros literários à disposição das crianças como agora, mas que ela sempre manteve contato com a leitura através de textos que continham nos livros didáticos.

Mesmo não tendo acesso a um repleto acervo de livros literários, é possível encontrar alguns textos em livros didáticos que levem a criança ao mundo ficcional. Esses textos, porém, não devem ser de caráter informativo, mas de descoberta para que a criança viaje para novos mundos por meio da leitura, seja em textos bíblicos, literários etc.

Pergunta 5: Você fazia suas leituras em casa ou na escola?

Oito responderam que faziam na escola e em casa. Somente a professora P2 argumentou sua resposta “fazia as leituras principalmente em casa, pois na escola não tínhamos muito tempo”.

Essa fala nos faz refletir sobre a leitura na sala de aula. Muitas crianças não possuem o hábito da leitura em casa, então o primeiro contato ocorre na escola, e se este ambiente não lhe fornece subsídios suficientes para desenvolver o hábito da leitura, essa criança será prejudicada perante as outras.

O processo de formação de leitor está vinculado às características físicas e sociais do contexto familiar, através de situações cotidianas que envolvem a leitura. A criança deve descobrir o prazer da leitura, muito antes de aprender a ler. Sabemos que o hábito pela leitura não nasce com o indivíduo, este deve ser conquistado e quando isso não ocorre no seio familiar, é necessário e fundamental que a escola inclua essa prática em sala de aula ou aprimore tal habilidade. Como vimos na fundamentação teórica o interesse pelos livros passa pelos primeiros anos de escolarização, e caso isso não ocorra essas crianças estarão sendo prejudicadas em relação a leitura.

Pergunta 6: Você tinha fácil acesso aos livros infantis?

As respostas foram unânimes: “não tinham acesso aos livros”. Um dos principais motivos apontados foi a falta de condições para comprar e o outro era a falta de bibliotecas nas escolas. É necessário destacar que a criança necessita de um ambiente favorável à leitura

(Yunes, 1988, p. 55). A escola, como um dos ambientes alfabetizadores, necessita de ambientes que proporcionem condições adequadas à prática da leitura e ao contato com livros literários.

Pergunta 7: Que materiais de leitura você utilizava: livros, gibis, revistas, ou jornais?

As respostas foram praticamente as mesmas. Liam somente o que a professora oferecia em sala de aula, sendo a leitura mais comum os textos contidos nos livros didáticos. A resposta que se diferenciou das demais foi da professora P1: “a professora fazia umas fichas de leitura e deixava em uma caixa no fundo da sala”.

Pode-se perceber nessa fala que a professora limitava a diversidade de livros para leitura. Eles liam apenas o que constava na ficha de leitura. Muitos profissionais da educação não levam em conta a existência da escrita diversificada e ampla. Muitas escolas se preocupam apenas em ensinar aos alunos a decodificar o que está escrito, e para essa tarefa utilizam apenas o livro didático, não ampliando o repertório de leitura dos alunos. Isso normalmente causa certo desinteresse por parte dos educandos.

O texto não deve ser visto como um pretexto. Como aponta Lajolo (1982, p. 16), o texto somente vai existir na medida em que se constrói um ponto de encontro em dois sujeitos: quem escreve e quem lê. Os textos apresentados em livros didáticos e trabalhados nas escolas assumem funções nem sempre tão interessantes para os alunos, muitas vezes serve de pretexto não apenas para exercícios, mas para ampliar vocabulário e de motivador de redações. Sendo assim, quando o livro é introduzido na escola, a criança passa a seguir um modelo imposto pelos adultos, dentro dos valores cabíveis a eles.

Pergunta 8: Quanto tempo você destinava a leitura?

Algumas respostas foram bem precisas: “Somente quando era necessário”. Já a professora M2 destacou que a leitura de livros infantis foi muito presente durante sua infância e que o desejo pela leitura foi introduzido por seus pais, os quais sempre que possível liam para ela. Uma frase pode ser destacada: “Foi graças ao incentivo de meus pais que hoje gosto tanto de ler, e me tornei essa pessoa mais ligada na realidade social”. A leitura assume uma função crítica e social muito importante para o desenvolvimento do indivíduo, dando-lhe o

direito a opções e a posicionar-se diante da realidade. E ainda pode ajudar a desenvolver uma melhor consciência individual e social.

Pergunta 9: Quais suas histórias preferidas?

Diante das respostas, pode-se observar que a literatura infantil se fez presente na vida da maioria das professoras.

Como Lajolo (1982, p. 45) afirma, “o mundo da literatura, como o da linguagem, então, é o mundo do possível”. Na literatura infantil as crianças buscam a fantasia, o imaginário e muitas vezes relacionam o real com o fictício, buscando explicações para algumas respostas. Trabalhar com literatura infantil torna o hábito da leitura mais agradável para o pequeno leitor, pois as possibilidades de interpretação e reflexão são múltiplas.

Pergunta 10: Você lembra algum autor em especial?

Pode-se perceber nas respostas que o autor mais lembrado foi Monteiro Lobato. Com suas histórias instigantes (a mais citada é o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*), o autor participou da infância da maioria das professoras entrevistadas.

Pergunta 11: Você tinha acesso aos livros em bibliotecas ou costumava ganhar de presente?

Nesta questão destaco a resposta da professora E2, a qual relata que costumava receber livros de presente dos pais. Já as outras entrevistadas citam que somente tinham contato com livros na escola. Pode-se destacar aqui, que o fator socioeconômico das famílias é destaque no processo de aquisição da leitura. Pois muitos não têm acesso a livros em casa devido à falta de condições. E dentro das escolas o livro não é colocado como parte integrante do convívio escolar. Algumas instituições procuram promover as bibliotecas, fazendo concursos para ver quem lê mais livros e, assim, acabam esquecendo o mais importante: não importa a quantidade, mas sim a qualidade com que são feitas as leituras.

Pergunta 12: Os professores incentivavam o hábito da leitura literária ou trabalhavam apenas com livros didáticos?

Pode-se observar nessas respostas que alguns professores até trabalhavam com livros literários, mas a grande maioria ficava somente com os livros didáticos. Outro fator importante pode ser apontado pela professora E3 em sua fala: “Trabalhávamos com o livro didático e com os de literatura, um por bimestre, para fazer a ficha de leitura”.

A prática da leitura por obrigação e não por prazer infelizmente acontecia e continua acontecendo nas escolas. Os professores trabalham a leitura de livros como obrigações, em que o aluno tem que ler e preencher fichas sobre os mesmos distanciando cada vez mais os alunos da leitura. Cunha (2002, p. 51) ressalta que o pressuposto de que a “leitura faz bem a criança”, leva muitos professores a impor, de forma inconsciente, a leitura para os alunos, submetendo-os dessa forma a uma tortura sutil.

É necessário que as leituras sejam sugeridas e não impostas, tendo uma base motivadora e que atenda às necessidades e interesse do leitor.

Pergunta 13: O curso de graduação em Pedagogia oferece subsídios para formar um professor leitor?

Analisando essas respostas, a maioria das entrevistadas citou que os cursos oferecem subsídios, mas a professora P1 destacou que:

Muitas leituras são exigidas, mas nem sempre aceitas. Pois pra mim, a leitura é a chave do desenvolvimento do educador. A leitura fortalece, enriquece e nos deixa seguros. Infelizmente os professores nas universidades não exigem algo que deveria estar na alma do educador.

Este problema se evidencia na graduação, pois os professores em formação irão atuar com as crianças, e as experiências ali vivenciadas estarão presentes em sua prática.

No entanto, ressaltamos que até chegar à universidade, esse profissional em formação já possui uma história escolar, com experiência em leituras. Se a leitura não foi bem desenvolvida anteriormente, ficará difícil somente na graduação construir o desejo pela mesma. Caberia, sim, um aprofundamento para adquirir novas experiências, para que pudessem transmiti-las aos alunos em sala de aula.

Pergunta 14: Por meio da literatura infantil é possível desenvolver o hábito da leitura?

Percebi que todas as entrevistadas responderam que sim, através da literatura infantil é possível formar um leitor. Algumas falas se destacaram, tais como:

A fundamentação do hábito da leitura está diretamente vinculada à literatura infantil, onde a mente criadora, a imaginação e o desenvolvimento da linguagem e escrita estão fundamentadas na infância. (PROFESSORA M3).

Todas as professoras entrevistadas concordaram que o indivíduo que possui o hábito da leitura literária infantil ainda na infância cresce sendo uma pessoa pré-disposta à leitura. É a literatura que permite ao leitor descobrir novos sentidos para a realidade vivenciada. Conforme vimos na fundamentação teórica, a literatura amplia e enriquece a visão de mundo (CUNHA, 2002).

As histórias literárias infantis permitem o autoconhecimento, o conhecimento do outro e do mundo. Ao contar uma história é possível abrir espaço para pensamentos mágicos, para a emoção e adquirir novas experiências através do imaginário. No passado e ainda hoje em dia, a literatura infantil traz esses objetivos consigo.

A literatura serve como mediadora na tarefa de colaborar na construção de melhores cidadãos, oferecendo subsídios para que a criança consiga imaginar, criticar o mundo em que vive, interpretar melhor a realidade que a rodeia, e não simplesmente se tornar uma mera receptora de teorias.

É necessário que as instituições escolares resgatem de forma urgente o hábito pela literatura infantil, assim se comprometendo com a formação de novos leitores, e que estes encontrem o sentido da vida dentro e fora do contexto escolar.

As entrevistadas ainda relataram que costumam trabalhar literatura infantil em suas aulas, pois veem nelas uma grande oportunidade de trabalhar o interesse dos alunos em relação à leitura.

Para desenvolver uma prática pedagógica significativa envolvendo a literatura infantil, é importante que o professor possua uma formação adequada, visando, assim, incentivar ao desenvolvimento de um novo leitor, que deve ser iniciado na infância.

A criança já pode ser introduzida no mundo da leitura desde pequena, através das histórias contadas e ouvidas por ela, pois dessa maneira já é possível trabalhar o imaginário (ABRAMOVICH, 1997).

Pergunta 15: Um professor leitor forma um aluno leitor?

Mais uma vez a resposta unânime foi sim. Um professor leitor é capaz de formar um aluno leitor. Dentre as respostas analisadas, as professoras destacaram que somente se forma um aluno leitor, se o professor possui o hábito da leitura. Um professor que conhece o prazer da leitura saberá incentivar seus alunos para que possam conhecer e praticar também, e incentivá-las a acreditar que a leitura é algo interessante, que nos desafia a cada página de um texto lido.

Não é possível formar bons leitores oferecendo materiais para leitura empobrecidos, principalmente no momento em que as crianças estão sendo inseridas no mundo da leitura. O hábito da leitura, em especial a leitura literária, se torna importante e significativo para o leitor a partir do momento que o que está escrito tenha importância na sua vida.

Para finalizar, aponto alguns fatores determinantes no distanciamento da criança da leitura:

- o ambiente onde vive – A falta de exemplo de experiências de leitura por parte dos pais pode desfavorecer o hábito de ler. A criança acaba passando mais tempo na frente da televisão do que lendo um livro;
- o acesso a livros – Não ter acesso a livros em casa ou na escola pode distanciar uma criança do hábito da leitura, pois muitos encontram dificuldades em conseguir (comprar, emprestar) livros para ler;
- a atitude dos professores – Esse é um ponto relevante no processo da leitura, pois bons professores encontram formas diferentes e variadas para trabalhar a leitura em sala de aula. Se o professor não demonstra interesse nas atividades de leitura ou até mesmo desenvolve poucas atividades desse tipo, é bem provável que seus alunos também fiquem desmotivados;
- experiências negativas já vivenciadas – Não basta simplesmente ler livros por obrigação. A liberdade na escolha de textos e a motivação da leitura (principalmente a literária) pela fruição são elementos primordiais para que a prática de leitura realmente seja concretizada.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresentou a importância que o papel da literatura infantil exerce na formação de leitor de professores das séries iniciais do ensino fundamental.

Na parte introdutória deste trabalho, algumas questões norteadoras foram feitas: “Qual a importância da literatura infantil na formação dos professores das séries iniciais?” “Um professor leitor forma um aluno leitor?” e “Qual a relação entre leitura e literatura?”. A seguir, uma tentativa de síntese das respostas para esses questionamentos, bem como reflexões em relação a outras indagações feitas no decorrer da pesquisa.

Partindo do princípio de que os professores são agentes mediadores privilegiados na construção de alunos leitores, a história da memória de leitura desses professores é muito importante. Se eles tiveram experiências literárias na infância e no decorrer de suas vidas (inclusive na formação acadêmica), tão mais fácil será a prática pedagógica com literatura na sala de aula. Seus exemplos pessoais farão sua prática ser mais verdadeira.

O que se percebe é que há um movimento por parte dos professores, os quais estão buscando de forma incansável melhorar sua prática pedagógica em sala de aula, o que conseqüentemente, resultará em melhores alunos.

A prática da leitura em sala de aula é de fundamental importância para o desenvolvimento do educando e aperfeiçoamento do professor, pressupondo um trabalho diversificado e significativo.

A literatura infantil pode despertar a criatividade do aluno. Por isso faz-se necessário um trabalho dinâmico em sala de aula com textos literários, onde o aluno se sinta desafiado a ler um livro e sinta prazer na leitura. Entretanto, como a educação é um processo dinâmico, isso exige do professor um aperfeiçoamento contínuo e reflexão sobre sua prática pedagógica para que, dessa forma, consiga formar novos leitores.

Esta pesquisa tentou demonstrar que, se a literatura esteve presente na formação do professor desde sua infância até sua graduação, é provável que esse profissional vá trabalhar sempre com a presença da mesma em suas aulas. O professor que já vivenciou, e vivencia, experiências literárias vai querer compartilhar tais experiências com seus alunos, colaborando, assim, para formar novos leitores, pessoas capazes de pensar de diferentes formas, ou seja, sujeitos críticos.

Outro objetivo não menos importante deste trabalho foi demonstrar a importância de trabalhar literatura infantil como meio introdutório à leitura e na formação dos alunos.

Espero que esta pesquisa sirva para os educadores e pessoas que queiram buscar uma educação de qualidade, visando à formação de alunos capazes de transformar sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **O Estranho mundo que se mostra às crianças**. 5 ed. São Paulo: Summus, 1993.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: teoria e prática. 18 ed. São Paulo: Ed Ática, 2002.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Memórias de leitura e educação infantil. In SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 50-60.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RESE, Mara Cristina Fischer. Professor que não lê, também não incomoda. **A notícia**, Florianópolis, p. 4, fev. 2005.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio**. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTOS, Agada Hilda Steffen dos. O desafio de ser um professor-leitor. **A notícia**, Florianópolis, p. 4, 05 fev. 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Ensino-aprendizagem e leitura: desafios ao trabalho docente. In SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 26-35.

SILVEIRA, Rosilene de Fátima Koscianski da. **A contribuição da literatura no processo de alfabetização e letramento**: uma reflexão mediada pelo olhar da criança. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

SOUZA, Renata Junqueira de. SANTOS, Caroline Cassiana Silva dos. A leitura da literatura infantil na escola. In SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p.80-90.

YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10 ed. São Paulo: Globo. 1982.

_____; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO.

- 1- Você costuma comprar livros para ler?
- 2- Atualmente, quantos livros você costuma ler por ano?
- 3- Costuma se atualizar sobre as novas publicações de livros?
- 4- Que livros da literatura infantil você lembra-se de ter lido quando criança?
- 5- Você fazia suas leituras em casa ou na escola?
- 6- Você tinha acesso fácil aos livros infantis?
- 7- Que materiais de leitura você utilizava, somente livros, ou gibis, revistas, jornais?
- 8- Quanto tempo você destinava a leitura?
- 9- Quais as suas histórias preferidas?
- 10- Você lembra de algum autor em especial?
- 11- Como você tinha acesso aos livros, em bibliotecas ou costumava ganhar de presente?
- 12- Na escola, seus professores incentivavam o hábito da leitura literária ou trabalhavam apenas com livros didáticos?
- 13- O curso de graduação em Pedagogia oferece subsídios para formar um professor leitor?
- 14- Através da literatura infantil é possível desenvolver o hábito da leitura?
- 15- Em sua opinião, um professor leitor forma um aluno leitor? Por quê?